

**A INFORMALIDADE COMO DETERMINANTE DO DESENVOLVIMENTO
TURÍSTICO: LADO B E LADO A DO FENÔMENO**

**THE INFORMALITY AS A DETERMINANT OF TOURISM DEVELOPMENT:
PART B AND PART A OF THE PHENOMENON**

Deivid Rossotti¹

RESUMO

Este trabalho expressa a informalidade como determinante no desenvolvimento do turismo, as formas de emprego e como o modelo utilizado pelo setor atualmente está ultrapassado, levando em consideração o método das redes hoteleiras familiares e a pressão social imposta á comunidade local. O objetivo deste é de demonstrar os mecanismos necessários que o poder público e privado possa utilizar para o planejamento sustentável e as orientações pertinentes ao tema nas últimas décadas. Através da pesquisa em fonte secundária, o método adotado neste estudo, fortalece as afirmações com as quais se enfrenta o modelo atual. Os resultados são para reflexão dos interessados e estudiosos sobre o assunto e tem como principal, além de demonstrar que o assunto não é recente, também integrar com documentos atuais.

Palavras-chave: Informalidade, Trabalho, Turismo.

ABSTRACT

This work expresses the informal as the development of tourism, forms of employment and as the model used by industry today is outdated, considering the method of family hotel chains and social pressure imposed on the local community. The purpose of this is to demonstrate the necessary mechanisms that the public and private power can use for the sustainable planning and guidelines relevant to the subject in recent decades. Through research on secondary source, the method adopted in this study, strengthens the claims with which it faces the current model. The results are reflection of stakeholders and experts on the subject and has as principal, apart from showing that it is not a recent subject , also integrate with existing documents.

Keywords: Informality, Labor, Tourism.

¹ Graduando em Turismo – Unioeste. E-mail: deividwilian@hotmail.com.

A ECONOMIA TURÍSTICA COMO PONTO DE PARTIDA PARA A INFORMALIDADE

A economia turística tem se desenvolvido de forma gradual nas últimas décadas², principalmente em destinos consagrados como pode-se observar em Foz do Iguaçu. A cada dia que passa as comunidades receptoras dos destinos tem se tornado dependente da atividade, ou seja, na contramão dos modelos idéias de desenvolvimento tanto social, quanto ambiental. Segundo Krippendorf este é o “ciclo do crescimento”: mais produção proporciona mais trabalho – mais trabalho proporciona mais receita – mais receita permite mais consumo – mais consumo necessita de mais produção. É um dos sinais evidentes de que o Turismo se coloca na esfera de degradação neste modelo de produção.

Neste caso pode ser destacado o comportamento nas ultimas décadas do Município de Foz do Iguaçu em busca desse ideal – do aumento da demanda do produto turístico, muito próximo ao que Hall atribui como filosofia do planejamento voltado ao fomento (p. 43) na presunção do aumento correspondente, do número de trabalhadores como explicado por Krippendorf anteriormente. Pode-se inferir que o processo local tem se utilizado de uma forma superada de desenvolvimento turístico, destacado entre outros estudiosos por Getz (apud HALL p.)

...o fomento tem sido usado no desenvolvimento e planejamento turístico desde que se iniciou o turismo em massa. De fato, é discutível se essa é de fato uma forma de planejamento, uma vez que o fomento parte do simples princípio de que o desenvolvimento turístico é inerentemente bom e promove vantagens automáticas para o anfitrião...

O setor “agradece” esse modelo - de forma de concepção do processo - sem consideração aos efeitos no meio ambiente e na vida social gerada pelo excesso de irresponsabilidade determinadas pelo consumo. A relação ou equação feita pelos promotores desse modelo é simplista - a cada turista ou visitante a mais é visto com expectativa de lucro direto no bolso dos empresários. Ainda vale citar, diretamente, sem distribuição e/ou com uma intensificação da concentração de riqueza, o que segue novamente na contramão dos princípios aludidos pelo turismo que trata da

² Ver boletim de desenvolvimento econômico do Turismo – Mtur.

redução das desigualdades, entre outros aspectos que foram consignados no Código de Ética Mundial para o Turismo³ e definido por Getz (apud Tyler p. 25) como um processo, com base em pesquisa e em avaliação, que procura otimizar a contribuição potencial do turismo para o bem-estar humano e para a qualidade do meio ambiente. Para agravar essa forma de alienação tal prática – do modelo fomento/impulsionista x crescimento/indústria, merece até ser lembrada, senão vista ou percebida pela “platéia”. Para tanto, é comum o setor de turismo local promover dias de comemoração, a exemplo do ingresso do “milésimo visitante”, ocorrido em 2005 e outros anos no alcance da meta, como se deu no Parque nacional do Iguazu, na Usina Hidrelétrica através do Complexo Turístico.

Esse óbvio do lado B e Lado A é contabilizado, mas chama atenção dos estudiosos sobre o tema pela relevância que promove a discussão nesse nexos de causalidade - vem disso mesmo e, a pergunta que se faz é: quais os impactos pela dependência numa economia turística nessas bases? Uma, entre outras respostas é a geração de empregos informais, sem admitir qualquer distorção atribuída à sazonalidade. Neste último, redundaria ao termo emprego temporário, que seguramente não se aplica a informalidade, mas a uma circunstância típica e de convivência no mercado do Turismo.

O LADO B DO FENÔMENO PRECEDE

A economia informal avança principalmente em países periféricos como é o caso do Brasil onde se estabelece uma relativização óbvia do informal/pobreza. Segundo Giddens(1996) a categoria informal se torna uma nova característica da sociedade moderna, observa-se um crescente aumento em alto nível do trabalho informal nos diversos setores da economia, um paralelo com setor turístico, informa que cerca de 60% dos empregos ofertados são de bases informais, ou seja, sem carteira assinada, logo as atividades com maior número de informais no setor de turismo são de alimentação, cultura e lazer⁴.

³ Código de Ética Mundial do Turismo – OMT.

⁴ Fonte: <http://www.thetoptips.com.br/Noticia/4,1673-0.html>.

Sabe-se de acordo com a história de mercado e de todos os processos do sistema capitalista, que o desemprego é inevitável e acontece de forma estrutural, estamos expostos a concorrência seja ela leal ou desleal, na mesma batida corremos o risco da perda do posto de trabalho, devido a esta concorrência como explica Mészáros (2002, p. 1005)

não mais se restringe à difícil situação dos trabalhadores não-qualificados, mas atinge também um grande número de trabalhadores “altamente qualificados”, que agora disputam, somando-se ao estoque anterior de desempregados, os escassos – e cada vez mais raros - empregos disponíveis. Da mesma forma, a tendência da amputação “racionalizadora” não está mais limitada aos “ramos periféricos de uma indústria obsoleta”, mas abarca alguns dos mais “desenvolvidos” e modernizados setores da produção da indústria naval à aeronáutica, e da indústria mecânica à tecnologia espacial.

Citadas estes setores de produção que passam pelo mesmo “problema” de precarização do trabalho, todas as bases da economia corre o mesmo risco da informalidade, não poderia ser diferente com o Turismo, que por sua vez apenas o topo da pirâmide necessita de mão-de-obra especializada, ou seja, os “mandantes” do processo, seja dentro dos hotéis, restaurantes, atrativos e na superestrutura⁵, o restante da massa trabalhadora que chega ser em torno de 70% é composta por atividades serviços que não obriga nenhuma especialidade técnica ou científica.

Pode-se dizer que no município de Foz do Iguaçu esta maioria dos empregos serviços encontra-se na rede hoteleira, composta em sua maior parte de empreendimentos familiares contribuindo dessa maneira ainda mais para a informalidade e pouca profissionalização.

Visível na paisagem urbana, o parque hoteleiro de Foz do Iguaçu com mais de 150 empreendimentos, das diferentes categorias e serviços, Isso sugere uma pré-definição do mercado, tanto na profissionalização quanto nas demais empresas ou abastecimento dessa cadeia produtiva. Um dos problemas pré-estabelecidos por essa cadeia produtiva é o fato de a maior parte desta hotelaria ser de característica familiar, ou seja, estabelecendo menor exigência profissional, com baixas expectativas de ascensão na carreira, diferente das redes e bandeiras hoteleiras, estas que só tiveram acesso ao parque empresarial iguaçuense há pouco mais de 6

⁵ Segundo Marx Superestrutura compreende a estrutura jurídica (o direito e o Estado).

anos, podendo num futuro moderar este impacto estabelecendo um número menor de empregos, mas criando trabalhos com especialidade e maior tecnologia, redução direta do posto pela economia no processo.

Este alto número de hotelaria familiar auxilia na formação da informalidade, através de ideologias e/ou práticas visíveis a todos, seja na frente dos hotéis com vendedores ambulantes e produtos pirateados ou comissionados á exemplo dos guias “piranhas” que ficam em locais estratégicos da cidade para abordar os turistas e visitantes, mas são financiados por essa rede de hotéis de gestão familiar.

Além disso, eles se restringem ao baixo investimento em processos sustentáveis como programas de Gerenciamento de Resíduos Sólidos, estratégias de endomarketing e responsabilidade social desde os empregados até a comunidade local que necessita dessa resposta no longo prazo.

A hospitalidade dos destinos tão idealizada como primeiro ponto estratégico por um possível retorno dos visitantes, pode estar mais uma vez em risco, na contramão deste processo de desenvolvimento e cria-se um comportamento desfavorável á receptividade dos turistas/visitantes.

O termo economia tão discutível na sua forma de desenvolvimento na atualidade deve ser tratado com mais cuidado desde os poderes públicos até o poder privado, pois no modelo atual corre o risco do sistema capitalista se desestruturar, pela ganância do processo produção/consumo, ou seja, o ciclo econômico citado por Krippendorf anteriormente. Foz do Iguazu com vocação para o turismo não pode viver na dependência apenas do setor turístico para desenvolver á economia local, além disso, os nossos cartões postais são atrativos naturais em unidades de conservação.

Considera-se assim certa degradação do meio-ambiente quanto dos empregos, explica-se pela precarização do trabalho no setor. Dá-se isso por não ter alternativas reais de empregos aos cidadãos, podemos dizer que somos “laranjas”⁶ do sistema que impõe formas estruturais de trabalho. Ainda aqueles que não estão “inclusos” na sociedade são obrigados a prestar “serviços turísticos” de modo informal estabelecendo desta maneira este duvidosos desenvolvimento da comunidade e do setor.

⁶ Termo utilizado pela Receita Federal.

Como se pode observar a informalidade sempre foi predominante em Foz desde suas primeiras correntes de negócios até os dias atuais, na qual predomina a atividade turística como meio de produção e riqueza das famílias sem oportunidades e/ou alternativas de outro ramo de atividade, neste caso chama-se de pressão social, ou seja: trabalhe no turismo ou trabalhe no turismo, sem alternativa e baixa qualificação.

Uma resposta que confirma essa pressão social é o projeto Trilha Jovem que oferece cursos para atuar na hotelaria, também cita-se o Pró-tur programa de incentivo com o slogan de que cada cidadão torne um vendedor do destino.

O número de participantes do processo de desqualificação da profissão sobe a cada ano que se formam mais alunos, aumentando a massa informal.

Todos esses efeitos observados no trabalho é característica marcante da globalização, da robotização, elementos irreversíveis na economia mundial.

O LADO A DO PROCESSO: ENTRE O IDEAL E O DESEJÁVEL

O relatório Nosso Futuro Comum⁷ publicado em 1987, traz algumas definições, crendo que a pobreza, a miséria, a dilapidação da natureza, são apenas desvios do modelo .

O processo de desenvolvimento econômico é muitas vezes entendido como produção de riqueza, pode ser, mas para pequenas ou mínimas porções da sociedade e que no futuro próximo pode acabar, observa-se isto nas estruturas do setor turístico. Criam-se apenas propagandas de sustentabilidade e poucas atitudes são estabelecidas pelos poderes públicos e entidades privadas, o consenso individual também é observável como um fator determinante para concretização da mudança de modelo.

Observa-se também muito próximo ao que queremos como desejável é que devemos tomar o cuidado com a mudança. Segundo I. Sachs (Apud Balastrieri) Para colocar em prática soluções alternativas deve-se recorrer a uma combinação de importações seletivas de tecnologias, adequadas a cada realidade e um esforço de investigação e planejamento originais. Pensando o desenvolvimento em base local.

⁷ Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento.

Uma demonstração da importância da economia no setor turístico pode ser esclarecida por RODRIGUES, Adyr Balastrieri.

Não menos importantes são os estudos visando à avaliação da dimensão econômica do fenômeno, tendo em vista sua importância no desenvolvimento com base local, ou seja, voltado para a melhoria da qualidade de vida da população dos lugares e regiões onde novos projetos se encontram em fase de implantação, ou em áreas que já sofreram degradações devido ao uso indiscriminado e necessitam de estratégias urgentes para mitigação dos impactos. (p. 09)

Qualidade de vida é um dos termos que são estarecidos com o processo de informalização, com isso a discussão vem muito antes, o processo todo tem de ser mudado para se chegar aos termos ideais de sustentabilidade. É visível o descaso com a comunidade, a informalidade é um problema ainda mais complexo, claro não deixa de ser ponto chave dentro da sustentabilidade, está tudo ligado dentro do processo, nada está de certa maneira solto, situações e medidas a exemplo de mudanças de política pode ser o ponto certo na mudança desse cenário.

Um primeiro passo pode ser dado no caminho para o desenvolvimento sustentável da economia, com outras formas de planejamento do setor, dando assim uma nova “cara” e respostas á comunidades e também aos turistas. De acordo com Hall (apud Tyler, Guerrier e Robertson p. 25) o planejamento sustentável estabelece,

Uma forma integrada de planejamento turístico que procura garantir, a longo prazo e com o mínimo de deterioração de recursos, de degradação ambiental, de rompimento cultural e de instabilidade social, a segurança dos moradores. Tal abordagem tende a integrar características das tradições econômicas, físicoespaciais e comunitárias.

Outra política essencial e relevante para a concretização ao longo prazo das mudanças de desenvolvimento são as Metas do Milênio, que devem ser estabelecidas nas empresas do setor turístico, principalmente nos empregos diretos oferecidos nos meios de hospedagem, alimentação e lazer. O governo federal propôs algumas medidas para diminuição de parte desta informalidade, diminuindo cargas tributárias á micro e pequenas empresas, mas e a outra ponta da informalidade citada como o lado b no setor turístico anteriormente.

Postos de trabalho em outras áreas devem ser criados, é inaceitável ficar a mercê do desenvolvimento turístico, mesmo que modificada toda a estrutura que se submete ao planejamento turístico. Tratar das mudanças é compreender que todos os partícipes do processo devem assumir responsabilidades e custos comuns. Acima disso é recuperar uma análise que acompanha os estudos no turismo desde a década de 70 que já chamava atenção sobre seus impactos, efeitos, resultados e a necessidade na época de iniciar estudos mais aprofundados acerca desses temas.

Indiferente a isso o destino turístico ficou distante desse ideal. Equivale a dizer que talvez esta seja uma das explicações mais importantes para compreender que a complexidade do fenômeno do turismo na localidade ainda está por resolver. De acordo com Gunn (apud TYLER, pg. 23),

O planejamento abrangente do sistema de turismo completo esta por ser criado... não existe política, filosofia ou coordenação abrangentes o suficiente para dar conta de harmonizar as várias partes do turismo e assegurar, continuamente, sua função harmoniosa.

A reflexão em torno de fenômenos sociais abrangentes e em escala mundial é o desafio da sociedade atual. É admitir que situações do passado como a “solução higiênica” levantada na década de 90 por Krippendorf, ou ainda de autoria do mesmo estudioso “um outro turismo é possível”; é apreendido através da prática ou do treino do “jogo limpo”, contribuindo para o desenvolvimento sustentável, Nada menos tratar da questão dos lados opostos do desenvolvimento com clareza e estabelecendo os objetivos ideais na concretização de um turismo suave e responsável.

CONCLUSÃO

O tema proposto neste artigo é pertinente de uma discussão com transparência em todos os níveis na busca de políticas públicas concretas. Convencionalmente couber ao setor de turismo local organizar sua estrutura organizacional, seguido de uma posterior formatação do produto turístico ao mercado e identificar formas de captação do visitante.



De lá pra cá, o que se nota é que os responsáveis pela condução do setor estão sempre retornando as mesmas tarefas, ou seja, deixando de cumprir com ações públicas que pudesse modelar os impactos produzidos a efeito dos resultados obtidos com as campanhas promocionais.

Nesse sentido é que o ânimo em enfrentar lado B está diretamente relacionado com os interesses públicos como assinala o turismo e seu compromisso com as Metas do Milênio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Duncan Tyler, Yvonne Guerrier e Martin Robertson (org). Gestão de Turismo Municipal. São Paulo: Futura. 2001.

Hall, Colin Michael. Planejamento Turístico: Políticas, processos e relacionamentos. São Paulo: Contexto. 2004.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri (org). Turismo Desenvolvimento Local. São Paulo: Hucitec. 2002.

KRIPPENDORF, Jost. Sociologia do Turismo. São Paulo: Aleph. 2001.

MÉSZÁROS, István. Para além do capital. São Paulo: Boitempo, 2002.

Código de Ética Mundial para o Turismo - Resolução A/56/212, Aprovado por Assembléia Geral da Organização Mundial do Turismo.

KRIPPENDORF, Jost. Cartão Vermelho ao Turismo. Porto Alegre, p.01-07, Fórum Social Mundial, 2002.